

Educação - uma evolução insuficiente



Por **OTAVIANO HELENE***

Com a vitória da força bruta e de um projeto liberal extremado, não há como esperar um horizonte mais promissor

A evolução da educação brasileira nos últimos 50 ou 60 anos, pelo menos no que diz respeito aos indicadores quantitativos, foi muito significativa. Por volta de 1970, 80% das crianças deixavam a escola antes de completar os oito anos de ensino (correspondente ao final do antigo ginásio). Como hoje, os excluídos prematuramente eram os mais pobres: naquela época, concluir o antigo ginásio era alguma coisa comum apenas na vida dos 20% com maiores rendas. Atualmente, a taxa de abandono antes do ensino fundamental está abaixo dos 30%, uma bela redução frente aos 80% de meio século atrás, embora os excluídos continuem a ser os mais pobres.

Completar o ensino médio, há pouco mais de meio século, era algo conseguido por um em cada dez jovens. Os demais seguiriam a vida sem esse nível educacional. Atualmente, cerca da metade dos jovens completa esse nível escolar, um crescimento marcante. A evolução do ensino superior não foi menos significativa: hoje, uma em cada quatro ou cinco pessoas completa esse nível educacional, contra uma em 25 há 50 anos.

Todos esses dados mostram uma significativa evolução do nosso sistema educacional. Mas foi suficiente?

Não. O Brasil nunca foi um país exemplar no que diz respeito ao desenvolvimento educacional. Em todos os indicadores – desde a taxa de analfabetismo até a de inclusão no ensino superior –, sempre ocupamos uma posição ruim entre os países da América do Sul ao longo das últimas décadas. Atualmente, nossa taxa de analfabetismo adulto é a segunda ou terceira pior nesse grupo de países, segundo dados sistematizados e divulgados pela Unesco,^[1] apenas melhor do que a da Guiana e praticamente igual à da Bolívia.

Nossos indicadores educacionais menos ruins, como a inclusão no ensino superior ou o número esperado de anos de escolarização da população, também nos colocam em uma posição abaixo de maior parte dos nossos vizinhos. Mas mesmo esses indicadores menos ruins vêm com um preço alto, pois é resultado das enormes desigualdades econômicas do país, combinando um grande contingente de pessoas gravemente subescolarizadas nos setores mais desfavorecidos economicamente com um pequeno grupo bem escolarizado nos setores mais bem aquinhoados, acirrando as desigualdades do país e projetando-as no futuro.

Houve períodos em que era possível algum otimismo, não exatamente observando o que estava acontecendo, mas imaginando que aqueles pequenos avanços poderiam ser sinais positivos a descortinar um panorama mais interessante no futuro. Infelizmente, com a vitória, na força bruta, de um projeto liberal extremado e com o atual ocupante da Presidência da República (neste início de setembro de 2021), não há mais nenhuma maneira de se procurar um horizonte mais promissor.

Se queremos reverter a perspectiva de um futuro de atraso, ignorância, negacionismo e superstição, devemos nos dedicar à tarefa de mudar a realidade educacional e denunciar não apenas essa situação, mas, também, os grupos economicamente dominantes que a sustentam e que sustentam o atual governo. Feito isso, basta construir um sistema educacional não excludente e de boa qualidade. Difícil, não? Mas muito mais difícil será o futuro se não fizermos isso agora.

***Otaviano Helene** é professor sênior do Instituto de Física da USP, ex-presidente da Adusp e do INEP. Autor, entre outros

a terra é redonda

livros, de Um Diagnóstico da Educação Brasileira e de seu Financiamento (Autores Associados).

Nota

[1] Pessoas com quinze anos ou mais. Fonte: <http://data UIS.unesco.org>.

A Terra é Redonda